JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre . . . . . 500 réis
Com estampilha . . . . . 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio avulso . . . . . 20 »

DIRECTOR E PROPRIETARIO
AUGUSTO DA COSTA E PINHO
Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — **Ovar**
Impressão e composição — **TYPOGRAPHIA PENINSULAR**
Rua de S. Chrispim, 18 a 28—PORTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal . . . . . 60 rs. cada linha
Annuncios e communicados . . . 50 » »
Repetições . . . . . 25 » »
Annuncios permanentes, contracto especial
25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

SOBRE A LIBERDADE DO COMMERCIO

Quando uma industria dispõe de todos os meios de progresso, de capitaes, saber theorico e pratico, materias primas baratas, de instrumentos os mais aperfeiçoados para essa industria, a liberdade do commercio,provocando um maior esforço dos productores, póde ser a causa do augmento da producção e da barateza dos productos. A necessidade de concorrer obriga-os a uma transformação, para a qual estão habilitados.

Aquelle principio, aliás verdadeiro na sua generalidade, não é applicavel a todas as circumstancias: os agricultores portuguezes sem capitaes, sem credito favoravel, sem adubos, sem methodos nem instrumentos aperfeiçoados, que não conhecem a composição do sólo, cujas camadas araveis são geralmente pouco fundas, esgotadas por culturas successivas, sem as industrias que lhes são proprias, e que associadas á agricultura propriamente dita, dão valor a muitos productos que sem ella não seriam remuneradores, sem agua, sem o tempo necessario para as esperiencias, e sem o estudo dos terrenos, arruinam-se com a liberdade do commercio.

Em todo o problema as soluções devem ser sempre as mesmas em paridade de circumstancias: mas quando estas são differentes, quando falta algumas d'ellas, a lei e o principio theorico modifica-se necessariamente.

Entre nós atribue-se ao principio da liberdade do commercio as vantagens que resultam das condições especiaes em que foi applicado em outros paizes.

Notando a severidade das affirmativas dos que reclamam o livre commercio dos cereaes, parece quasi um crime o duvidar de convicções tão generosas e lisongeiras. O exemplo da Inglaterra leva-os a crel-as irrefutaveis e confirmadas pela experiencia,

A historia bem analysada da reforma de Peel vem depôr contra elles.

Advirta-se primeiro que tudo, que a reforma das leis prohibitivas foi lá gradual e progressiva e não abrupta, como entre nós, e que antes d'ella se adoptaram algumas medidas em beneficio da agricultura,

A reforma financeira precedeu a reforma commercial, e foi chamada – o meio do fim,

Depois foi prohibida a importação em quanto o trigo não attingisse o preço de 34 a 40 francos o hectolitro, preço considerado remunerador para o agricultor inglez.

Os homens mais consideraveis do partido da reforma votaram essa lei prohibitiva.

Os homens d'estado d'Inglaterra nem pertencem ao systema protector, nem ao da livre troca. Consultam a opinião e estudam as circumstancias.

De mais é preciso ter-se em vista que a situação particular d'Inglaterra exigia o sacrificio da agricultura a bem da industria manufactora, o que para nós não é o que convem, e não póde ser o fim a que se aspira: portanto o exemplo da Inglaterra é mal invocado.

E apesar de ter sido aquelle sacrificio uma necessidade imperiosa da industria ingleza, sentida e reclamada desde 1820, a reforma só foi completa e definitiva em 1846.

Os fabricantes desde 1793 tinham monopolisado os mercados transatlanticos e de uma parte da Europa; em 1814 achavam-se em face de industrias rivaes que lhes disputavam esses mercados.

Cada nação protegia as industrias nascentes com medidas prohibitivas. Esta concorrencia e obstaculos entorpeceram os trabalhos fabris.

A miseria era horrivel em uma população onde dous terços são de fabricantes e operarios. A agitação crescia; para pôr termo á crise industrial era evidente o remedio.

Força era collocar um manufactor em circunstancias iguaes ou melhores que as do continente, abrir os mercados da Europa e produzir mais e mais barato

A Inglaterra estava forçada a este dilemma—ou modificar o seu systema de pautas ou morrer na isolação pela concorrencia.

Tal foi o ponto de partida da reforma.

Para abrir os portos estrangeiros, modificar as pautas e vencer a concorrencia era preciso que podesse reduzir o preço da mão d'obra

Como?

Abaixando o preços das subsistencias,

Para isto começou por conceder a entrada dos cereaes até ao ponto em que não prejudicasse um dado preço, ainda vantajoso á agricultura nacional, e por fim a completa liberdade do commercio dos productos agricolas.

Não era para satisfazer ao principio de livre troca, que assim procedia, era para obter indirectamente por ella o monopolio das vendas, e não a sua reciprocidade, era bem ao fim opposto que se dirigia o calculo dos estadistas inglezes.

Admittindo a entrada dos cereaes estrangeiros tornava-os menos abundantes nos paizes com quem ia concorrer, augmentavalhes o preço, encarecia assim a mão d'obra, em quanto obtinha para si os resultados contrarios, punha as industrias estrangeiras em uma situação muito desigual que as impedia de concorrer com ella.

Era para sò ella vender que lhe servia a liberdade do commercio.

Como a classe manufactora em Inglaterra é a mais numerosa e se acha em uma enorme desproporção com a classe agricola, estando baseada toda a vida economica no commercio externo que faz viver uma população d'operarios, outro não podia ser o fim d'essa grande operação, chamada a reforma commercial de Robert Peel, que pertence ao partido Tory, ao dos proprietarios do sólo,e que, rendendo-se ás opiniões dos seus, sacrificou aquelle partido, o nome e influencia que n'elle gozava ao bem do paiz em uma medida salvadora.

A reforma em geral consistiu no seguinte:

1.° Reduzir o preço da mão d'obra e das subsistencias com a introducção de cereaes dentro de certos limites.

2.° Desagravar as materias primas.

3.° Permittir a concorrencia livre só de certas industrias, que uma pesquiza rigorosa evidenciou que podiam competir.

4.° Convencida a Inglaterra que lhe não era possivel ser ao mesmo tempo agricultora e commerciante, decidiu-se a ser industrial com o sacrificio dos agricultores.

5.° Realisar pouco a pouco a reforma financeira antes da reforma commercial.

6.° E entretanto transformar a agricultura, dirigindo a sua actividade para as applicações mais uteis, crear associações, escólas e bancos agricolas a juro modico, etc., etc.

A reforma apresenta tres periodos de 1814 a 1823, de 1830 a 1841, e de 1842 a 1846, e as suas phases bem comparadas nos convencem de que a liberdade do commercio, mesmo para a nação que a iniciou e mais aproveitou, e aproveita com ella, é apenas um meio relativo, e não um principio absoluto. A Inglaterra cautelosa na sua applicação não executou sem estar certa de qual seria o seu resultado para a industria fabril e agricola, sem vèr que a ser favoravel a uma, era prejudicial á outra.

Mas nós applicamos um principio esperando todas as vantagens da sua generalidade theorica, sem avaliarmos as condições particulares pelas quaes deve ser modificado e corrigido, e sem attendermos ao methodo processo d'uma reforma que ha-de affectar os interesses todos do paiz

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

RETALHOS

Na Associação dos Empregados de Commercio do Porto

Disse ahi o sr. Antonio José d'Almeida: «Chamar-me-hiam por saberem não ser um limitado republicano burguez, mas alguem que quer a republica para revindicações mais largas, para um *conjuncto*, onde não haja um só homem com fome, nem o esmagamento brutal dos humildes pelos que teem mais».

(Aqui o *limitado* arremeda o termo francez—borné - homem de senso estreito).

Não é o sr. Antonio d'lAmeida um republicano limitado, ou de senso curto, quer a republica para revindicações largas, para um *conjuncto*, isto é para um systema social, em que não haja um só homem *com fome, nem o esmagamento brutal dos humildes pelos ricos*.

Mas como é que a republica serve para essas revindicações?

Como é que um qualquer socialismo depende d'essa forma politica?

Como é incompativel com a monarchia?

Onde estão as doutrinas socialistas do famoso tribuno, as quaes já devia ter apregoado, visto querer a republica para realisal-as, visto ser o fim dos seus esforços em obtel-a?

Disse ainda, «que julgou iriam alli debater-se os principios da sociologia moderna, desde a admiravel theoria evolucionista de *Spencer, que a tudo se tem imposto*».

E logo adiante, «mostrará, que não obstante ser um revolucionario, que preconisa *o ferro e o fogo* para resolver o problema politico (e portanto tambem o social, fim da sua republica).

Ora na *admiravel theoria de Spencer, que a tudo se tem imposto*, a evolução é opposta á revolução—não é pelo *ferro e o fogo* que se realisam os progressos, ou as reformas politicas e sociaes—é contra os meios violentos, que o philosopho se pronuncía expressamente, e o sr. Antonio d'Almeida declara-se convicto d'essa doutrina, que a *tudo se tem imposto*, e quer contradizel-a pelo *ferro e o fogo*?!

Almeida Medeiros

BIBLIAS POLITICAS

D' O Portugal (nacionalista)

Temos aqui ao nosso lado as palavras do sr. conde Burnay e d'ellas não transparece a qualidade dos politicos, que queriam *massa* para não guerrearem a Companhia dos Tabacos. E' possivel que, no capitulo immoralidades, appareçam só monarchicos, mas a esse respeito temos duvidas. Conhecemos muito bem o que Marianno de Carvalho escreveu em 1904, para que essas duvidas se mantenham até que o sr. conde Burnay documente as suas accusações. Parece nos que aos versiculos da *Biblia monarchica* teremos nós de juntar tambem mais alguns versiculos á *Biblia republicana*.

Projecto de lei das sobretaxas

Este projecto auctorisa o governo a conceder, mediante reciprocidade e concessões compensadoras, o tratamento de nação mais favorecida e a alterar as taxas da pauta geral das alfandegas

O sr. Almeida d'Eça falla largamente sobre o projecto, referindo-se em particular á pesca e ao exercito d'esta industria.

Prosegue a discussão do projecto das sobretaxas

O sr. dr. Antonio Centeno diz que a dissidencia progressista dá o seu apoio ao projecto, ao qual elle, orador, attribue o maior valor para se debellar a crise vinicola, muito mais valor do que ao proprio projecto que o propõe fazer.

Declara-se rasgadamente proteccionista, mas para todos os ramos da actividade industrial. Faz varias considerações n'esta ordem de ideias. Analysa detidamente o projecto, a cujo paragrapho 2.° do artigo 1.° faz algumas observações.

Ao sr. dr. Antonio Centeno respondeu o sr. ministro dos estrangeiros, esclarecendo as duvidas apresentadas pelo illustre deputado, e agradecendo a attitude da minoria dissidente.

O sr. dr. Brito Camacho approva o projecto mas acha que é necessario fazer uma reforma completa na pauta geral das alfandegas, precedida d'um inquerito industrial Respondeu-lhe em breves palavras o relator, sr. D. Luiz de Castro.

Trata-se novamente das declarações do sr. conde de Burnay.

Tendo pedido a palavra para antes de se encerrar a sessão, o sr. Brito Camacho e tendo-a a camara concedido, aquelle deputado republicano refere-se ás declarações do sr. conde de Burnay, na assembleia geral da Companhia dos Tabacos.

O sr. dr. Brito Camacho diz que o feriu extraordinariamente a declaração, feita pelo sr. conde de Burnay, de que «se não fosse a Companhia dos Tabacos o Estado já teria estalado», e ainda outra: «que se o contribuinte não pagasse o augmento de renda, a Companhia rescindia o contracto».

N'estes termos, pergunta ao sr. ministro da fazenda: se o Estado está na dependencia da Companhia dos Tabacos, e se esta rescindir o contracto, o governo está habilitado a dar solução á questão dos tabacos.

O sr. ministro da fazenda diz que não póde fazer juizo pelo que se diz; consta-lhe que o sr. conde de Burnay não pronunciou a phrase que se lhe attribue. Espera o relatorio do sr. commissario regio e então procederá.

Declara mais que o Estado não está na dependencia da Companhia dos Tabacos ou de qualquer outra e mais que na conta de bilhetes do thesouro não figura a Companhia dos Tabacos, mas a casa Henry Burnay & C.ª

Não pensa o governo em qualquer solução a dar na hypothese da Companhia não querer continuar com o negocio, por quanto elle está na disposição de cumprir e fazer cumprir integralmente o contracto tal como elle está.

O PASTOR

Sinos a defuntos! ai, quem morreria!
Olha, foi o pobre do Ti Zé-Senhor!...
Velho tão velhinho nenhum outro havia...
P'ra cumprir cem annos lhe faltava um dia,
Ha noventa e quatro que era já pastor.

Zagalzinho alegre, desde tenra infancia
Já de surrãosito cheio a tiracol,
A escalar montanhas com ardor, com ancia,
Por pastagens bravas d'auroral fragrancia,
Branqueadinho a neve e doiradinho a sol!...

A deserta, immensa, rustica paizagem,
Cordilheiras, campos, astros d'oiro, luar,
Tudo se invertera, por continua imagem,
Em heroica, em livre candidez selvagem
Na extanciada flor do seu ingenuo olhar.

Ordenhado o leite, cantarinho cheio,
Ala para aldeia, por manhãs sonoras,
Mordiscando a codea do seu pão centeio,
Arrancando á frauta um pastoril gorgeio,
Rapinando ás sebes chupa-meis e amoras.

Fez-se moço e grande pelas serras brutas,
Onde as aguias pairam, onde o roble medra,
E onde os fragaredos barbaros, com grutas,
Se encastelam crespos, infernaes, em lutas,
Tal como tormentas de trovões de pedra!

Cada serrania alcantilada e brava,
Sob o azul d'Agosto, côr de fogo e pó,
Recozida a febre e atordoada em lava,
Lagrimeja apenas d'uma rocha cava
Pranto, que o bebera uma ovelhinha só!

E por essas fulvas, ingremes ladeiras
Pastoreava o gado, quasi morto já:
Só rochedos tristes, nus como caveiras,
E zambulhos, zimbros, tojos, cornalheiras,
Acres como pragas d'uma boca má!

E depois as torvas, negras invernadas,
Noites formidandas, lobos a ulular,
Desmoronamentos, temporaes, nevadas,
Carcavões abertos pelas enxurradas,
Troncos de sobreiros de raiz ao ar!...

Oh, as noites tristes, alapado e quedo,
N'um covil de feras, ou algar deserto!...
E dormia ao lume sem temor, sem medo,
Pois Nossa Senhora, Virgem do Degredo,
Na ermidinha branca lhe ficava perto...

Mas no mez de Março pincaros maninhos,
Montes cenobitas, d'ossos e burel,
Vestem-se de trevos e de rosmaninhos,
Com sorrisos d'oiro que alvoroçam ninhos,
E distilam favos de innocencia e mel!...

Era então alegre o sol nascente,
Mais feliz nos campos do que Deus no altar!
Anhos e cabritos, leite rescendente,
Pastos tão mimosos, que quizera a gente
Transformar-se em ave para os não calcar!

Tanto Abril florido, tanta calma adusta,
Tantas inverneiras, sem pesar ou dar,
Tinham-lhe gravado na expressão robusta
Como que uma sombra de grandeza augusta,
Junta a uma innocencia matinal de flor.

Que importavam gelos, ventanias, feras?
Peito nu, aberto; construcção de touro!
Quasi me admirava que nas primaveras
D'esse peito rude não brutassem heras,
Margaridas, lirios com abelhas d'ouro!

Ao relento a cama no orvalho pasto,
Cerca dos carneiros e dos bons lebreus;
Que divino leito primitivo e casto,
Todo embalsamado de serpol, mentrasto,
Sob a paz immensa do perdão de Deos!...

E esse gigantesco latagão corado
Era, como os santos ermitões, frugal:
Duas azeitonas, queijo do seu gado,
E de rala escura meio pão migado
N'um caldeiro d'agoa com azeite e sal.

Não jantava morte, assassinato, dores,
Hecatombes tristes que jantamos nós;
E por isso ria como riem flores,
Attrahindo em bandos aves de mil cores,
Feiticeiro simples, com o olhar e a voz!...

Sua rude frauta de pastor ouvindo
Na misteriosa luz crepuscular,
Iam-se as estrellas uma a uma abrindo,
E desabrochava pelo azul infindo
Soluçante a lua como um nenufar!...

Que trinados vivos, d'argentino encanto
Ai, missa do gallo, lhe inspiravas tu,
N'essa frauta, quando de cajado e manto
Ia deitar loas ao menino santo
No altar-mór da egreja sorridente e nu!

Fôra lá creança, magica ventura!
Centenario quasi a derradeira vez...
E gorgeava a frauta com egual candura,
Pois a alma virgem, luminosa e pura,
Conservara-a sempre como Deos a fez.

N'ella penetrava, n'ella se embebia
Tudo que é innocencia, riso, amor, clarão:
Fremito de pomba, voz de cotovia,
Canticos dos montes ao nascer do dia,
Lagrimas dos astros pela escuridão!...

Longe dos Peccados de raivosas presas,
Belzebuths famintos d'olhos de meta!,
Longe das horriveis tentações acezas
No torpor dos leitos, na embriaguez das mezas,
Pululantes larvas, vibriões do Mal,

O pastor ditoso envelheceu ridente
Por despenhadeiros, alcantis, e calvarios,
E na fronte augusta de ermitão, de crente,
Lhe geavam annos luminosamente,
Como as pombas brancas sobre os campanarios!

Das ovelhas meigas,—intimas heranças!—
Recolhera toda a abnegação christã:
Oh, sejaes bemditas, ovelhinhas mansas,
Que com vosso leite sustentaes creanças,
E vestis os pobres com a vossa lã!

Aos noventa annos, festival, risonho,
Alamo gigante d'agoa viva ao pé;
Sim! inda na boca risos de medronho,
E nos olhos lentos a tremer em sonho,
Dois miosotis virgens de candura e fé!

Com seu manto branco de burel grosseiro,
Cans de puro arminho, baculo na mão,
Alembrava um santo feito pegureiro,
Que eu desejaria sobre o altar cruzeiro
D'uma ogiva d'astros, em adoração!

Centenario quasi, recordava aspectos
De lendario tronco n'um feliz vergel,
Moribundo em meio de seus verdes netos,
Com a Providencia a agasalhl-o em fetos,
Com abelhas d'ouro inda a nutril-o a mel,

E que surdo á voz de ledos passarinhos,
E que cego ao ether de esplendor ideal,
Com o ai extremo lança dois raminhos,
A chamar ainda por canções de ninhos
E a dizer aos astros um adeos final!

Tal o pastor santo, já de vez cahido,
Já corcovadinho, flebil, quasi morto,
Arrimado ao velho baculo torcido,
Nada ouvindo, nada, com o duro ouvido,
Vagamente olhando com o olhar absorto,

Ia pelos montes na tristeza infinda
D'um coração ermo, com a morte aceite,
A pedir aos anjos para ouvir ainda
Badalar ovelhas n'uma noite linda,
Quando a lua os campos alagasse em leite!...

Seu bisavô fóra guardador de gado,
Guardador de gado seu avô, seu pae;
Creou filho e netos como foi creado,
E morreu ditoso porque o seu cajado
Seu rebanho ainda pastoreando vae!

Candido, na paz das solidões dormentes,
Ignorando o mundo rancoso e vil
Aos cem annos inda, com a fé dos crentes,
Punha olhos claros, simples innocentes,
Na estrelinha d'Alva das manhãs d'abril!

Levará no esquife para os ceos a palma
Da grandeza mansa, da virtude austera.
Realisou no mundo a perfeição da Alma:
Porque foi bondoso como a lua é calma,
Porque foi um santo sem saber que o era!...

Vós, ó semideuses do entremez da Gloria,
Cesares, tiranos, capitães, heroes,
Epicas figuras de immortal memoria,
Que de serro em serro illuminaes a historia
Como crepitantes, tragicos pharoes,

Na região do Immenso, no Infinito puro,
Onde me deslumbra, como um sol, Jesus,
Não sois mais que larvas a tremer no escuro,
Que ninguem conhece, que eu em vão procuro
Com meus olhos calmos n'esse mar de luz!

E o pastor d'ovelhas, que comeu centeio,
Que viveu nos montes, que dormiu nas grutas,
Tão asselvajado, cabelludo e feio,
Que dessereis quasi que esse monstro veio
Da matriz da terra, como as pedras brutas.

Já liberto agera da illusão do mundo
Fez-se em anjo branco, inda outra vez pastor:
Milhões d'astros seguem seu olhar jocundo,
São rebanhos d'almas pelo azul profundo
As ovelhas novas do Ti Zé-Senhor!...

Guerra Junqueiro.

Cavaqueira

DE RASPÃO

Vamos hoje prestar uma modesta homenagem á mais bella producção do Creador =á luz= e como ideia associada=ao calor.=

A luz constitue o traço de união entre o Sol e os corpos celestes.

Irradiando do Sol atravessa os espaços ethereos, penetra na atmosphera terrestre e vae incidir sobre os nossos olhos tão pura como estava no ponto inicial do seu caminho.

Se não existisse a luz solar não conheceriamos as suas côres componentes e deixariamos de nos extasiar perante os contrastes mirabolantes que apresentam as obras primas de Raphael, Miguel Angelo, Phidias etc. e de apreciar pela impressão directa nas retinas, os aspectos com que se nos apresentam os objectos que nos cercam.

A luz da vida ao mais intimo dos seres da creação.

E' a companheira inseparavel do homem. De dia innunda a terra com os seus raios dourados e de noute torna-os argenteos pela reflexão na loura Phoeba, suavisando-lhe assim a intensidade e convidando os poetas influenciados já pelo ciciar da folhagem produzido por um brando aquilão e pelo rumorejar lento das aguas que vão na sua doce marcha procurando o Occeano, a tanger as suas lyras e com os inegualaveis harpejos tirados d'ellas deliciarem a humanidade. Assim fizeram Homero, Virgilio, Milton, Leamartine etc, etc.

Ella e o calor são dois companheiros tão bem unidos que nunca se abandonam.

Prestar homenagem á luz é prestal'a ao calor.

Quem duvidar disto deite-se ao meio-dia ao sol quando elle nos fizer o mimo de torrar a humanidade e veja ao fim d'uma hora se a luz é ou não acompanhada de calor.

A luz do Sol é branca; mas compõe-se de 7 côres complementares que são:

Violeta, anilada, azul, verde, amarella, alaranjada, vermelha.

Tomemos um circulo de cartão dividamol'o em 7 partes, dêmos a cada uma d'ellas a côr indicada aqui acima e fazendo girar rapidamente esse circulo em torno do centro veremos que as côres se combinam e produzem o branco.

Estas são as côres mães.

Da combinação d'ella entre si nascem as immensas variedades de côres que nos impressionam os nervos opticos. Os pintores conhecem a fundo o segredo d'estas combinações; sabemos que o alaranjado e o amarello esverdeado dá o amarello; o amarello esverdeado e o verde azulado dá o verde vivo. O amarello e o azul dão tambem um verde. Imita-se o azul com o verde azulado e o anil e a violeta com o azul e vermelho.

A experiencia que eu citei do cartão não é rigorosa porque para isso as 7 divisões não deviam ser eguaes mas como a explicação a valer do caso requeria considerações d'alguma transcendencia resolvemos simplifical'a assim. Devemos declarar, por isso, que o branco obtido não é puro mas sim um branco sujo.

As côres que vêmos nos corpos são a que elles reflectem. Todos os corpos que teem côr natural reflectem uma das 7 que indiquei que formam o espectro solar.

Artificialmente podem porém reflectir outras.

Pode, porém, haver artificio sem que o pincel do artista lhes toque.

Esse artificio pode ser produzido por combinações chimicas, como acontece, por exemplo, a certas conchas no fundo dos mares, que se apresentam irisadas com côres combinadas devidas ás reacções chimicas que presidem á sua formação.

Um meu amigo que está a massar-me aqui ao lado diz que estou hoje semsaborão que não largo piada; mas depois d'um pedido que tive resolvi diminuir a dose d'ella.

Uma noute d'estas na Praça um patusco pediu-me para não largar tanta piada porque o fazia estourar a rir; outro ao lado pediu-me para a augmentar e disse ao primeiro que para não estourar se ligasse ou que tomasse carvão; mais outros trez que não cultivasse tanto a laracha. D'este diz tu, direi eu, passamos a vias de facto e eu como prova de desprezo, cuspi nos cinco e elles lá viram que era cobardia atacarem só um e largaram-me. Como o que elles queriam era vinho dei 40 reis a cada um e pela quantia de 200 regalei-me, cuspindo nos cinco. Depois d'esta questão, fiquei um bocado nervoso, com as pernas a vergar; mas depois da natureza reagir em mim vi que afinal estava mais leve pelo exgoto da bilis que soffri, e contente por ter mostrado a minha independencia.

Assim, pois, a piada vae hoje em doses infinitissimas, dadas pelo correr da pena. Nem sempre pode ter verve o vosso amigo

Ceres.

O segredo dos annos que tem, dizia Fontenelle, é um segredo que as mulheres sabem guardar muito bem. E creio que é o unico que sabem guardar.